



IMPRENSA HOMOSSEXUAL: SURGE O LAMPIÃO DA ESQUINA

Carlos Ferreira¹

RESUMO: Este artigo, através do contexto histórico da *Imprensa Alternativa* e da abertura política pós-Regime Militar (instalado em 1964), tem como objetivo analisar a criação, organização, distribuição e o relacionamento com os leitores das primeiras edições do jornal *Lampião da Esquina*, uma publicação voltada aos homossexuais que circulou durante 1978 e 1981. Utilizando as pesquisas, bibliográfica e documental, percebemos que o *Lampião* foi um jornal crítico, pluralista e partidário, que expôs o descaso e preconceito contra os homossexuais e as minorias sociais.

PALAVRAS-CHAVE: *Lampião da Esquina; Jornal Gay; Imprensa Homossexual; Imprensa Gay; Imprensa Alternativa.*

¹ Aluno de graduação em jornalismo da Universidade Metodista São Paulo (UMESP). Desenvolve, sob orientação da Prof^ª Dra. Maria Cristina Gobbi, um projeto de pesquisa sobre o jornal *Lampião da Esquina*.

*Eu acredito é na rapaziada
Que segue em frente e segura o rojão
Eu ponho fé é na fé da moçada
Que não foge da fera e enfrenta o leão
(E vamos à luta – Gonzanguinha)*

Introdução

Este artigo é parte inicial de uma pesquisa de iniciação científica desenvolvida na Universidade Metodista São Paulo, sob orientação da Prof^ª Dra. Maria Cristina Gobbi. Mostrará como as primeiras edições do jornal *Lampião da Esquina* foram criadas, organizadas e distribuídas, e como a comunicação com os leitores foi estabelecida. Para isso, utilizando as pesquisas, bibliográfica e documental, obtemos informações sobre a publicação e o contexto social da época.

Na primeira parte do trabalho falamos da imprensa alternativa e do contexto histórico em que nasce o tablóide, depois tratamos o número zero e a relação com as minorias que foi estabelecida pela publicação e por último a forma como o ela foi distribuída e como manteve contato com seus leitores através da editoria “*Cartas na Mesa*”.

Para começar a falar sobre o *Lampião* é necessário tratar o período político no qual ele começou a ser editado. As décadas de 1970 e 1980 foram momentos muito peculiares no Brasil; esta passagem é chamada de abertura política por conta do enfraquecimento do Regime Militar, instalado em 1964. Os movimentos estudantis e operários, que mais tarde seriam a base para as *Diretas Já* em 1983, um dos maiores movimentos populares brasileiro, começam a se organizar por volta dos anos de 1978.

Após os mais variados tipos de censuras, com a perda dos direitos individuais e coletivos, mortes e perseguições por conta da ditadura instalada na década de 1960, os períodos seguintes se mostraram mais favoráveis às forças da esquerda que lutavam contra o regime ditatorial. A censura prévia, que teve seu auge com o AI 5 (Ato Institucional nº 5), em 1968, vai enfraquecendo durante o período da abertura. Entre os anos de 1975 e 1978 as vistorias prévias, realizadas pelos censores nos grandes jornais, foram suspensas aos poucos, como conta Nadine Habert (1996):

Entre 1975 e 1978 a censura prévia à imprensa foi lentamente suspensa. Inicialmente para os grandes jornais – o Estado de S.Paulo foi o primeiro beneficiado – e só depois de 1978 para os da imprensa alternativa, sem que isto significasse o fim do controle e das perseguições políticas. Embora os discursos oficiais prometessem o fim da censura, o ministro da Justiça assinou dezenas de portarias de censura às artes e espetáculos. (...) Este foi um período de muitos atritos entre a censura e os artistas (HABERT, 1996:50).

A *Imprensa Alternativa*, citada acima por Habert, foi uma segmentação jornalística de caráter político, que transgredia a idéia mercadológica adotada pelos grandes veículos de comunicação do país. Normalmente os jornais “*nanicos*”² entravam em circulação sem uma estrutura ampla para distribuição e o lucro não era o principal intuito dessas publicações. Os donos desses veículos, que normalmente eram jornalistas, tinham a intenção de *Informar para Transformar*³. Bernardo Kucinski (1991) conta que a criação e evolução da imprensa alternativa se dão por conta dos desejos mútuos de expressão dos grupos sociais e de jornalistas, que queriam escrever em outros locais além dos grandes jornais e das universidades:

A imprensa alternativa surgiu da articulação de duas forças igualmente compulsivas: o desejo das esquerdas de protagonizar as transformações institucionais que propunham e a busca, por jornalistas e intelectuais, de espaços alternativos à grande imprensa e à universidade. É na dupla oposição ao sistema representado pelo regime militar e às limitações à produção intelectual-jornalística sob o autoritarismo, que se encontra o nexo dessa articulação entre jornalistas, intelectuais e ativistas políticos. Compartilhavam, em grande parte, um mesmo imaginário social, ou seja, um mesmo conjunto de crenças, significações e desejos (...) A medida que se modificava o imaginário social e com ele o tipo de articulação entre os jornalistas, intelectuais e ativistas políticos, instituíam-se novas modalidades de jornais alternativos (KUCINSKY, 1991: XVI).

A expressão dos diversos grupos sociais faz com que Habert (1996) considere a imprensa alternativa uma frente de resistência ao regime da época, composta por veículos que promoviam o debate político, cultural e social, importantes para lutas sociais e para a divulgação de informações que os militares desejavam ocultar:

² Nota do autor. Os jornais “*nanicos*” foram assim conhecidos por conta de seu tamanho, normalmente no formato de tablóides; e por conta de sua circulação que eram menores que a dos grandes jornais.

³ Nota do autor. Em seu livro *A Prática da Reportagem* (2005), o jornalista Ricardo Kotscho afirma que “ser repórter não é apenas cultivar belas-letas (ou) se limitar a produzir notícias, segundo alguma fórmula científica, mas é a arte de informar para transformar”. Kotscho acredita que o jornalista tem a obrigação de passar informações que façam o leitor pensar e tomar suas próprias conclusões sobre o assunto, fazer com que a realidade a sua volta seja transformada

Outra frente de resistência (ao regime militar) foi a *imprensa alternativa*. Os “nanicos” – como eram chamados – eram jornais de pequeno porte, tanto nos recursos econômicos de que dispunham quanto no formato tablóide (publicados semanal, quinzenal ou mensalmente ou quando conseguiam sair), que mantiveram posição de forte e corajosa contestação à ditadura e tiveram papel importante na veiculação das informações, que o regime procurava esconder a todo custo, e no debate de ampla gama de assuntos políticos, econômicos e culturais. O humor e a sátira foram afiados de crítica (...) *O Pasquim* (desde 1969), inaugurou um estilo jornalístico, debochado e satírico, atacando e ridicularizando os descabros e o obscurantismo do regime.(...) Inovando a forma e o conteúdo, diferentes em suas linhas editoriais e no tratamento dos mais diversos temas, outros jornais alternativos foram surgindo ao longo da década como *Bondinho*, *EX*, *Movimento*, *Versus*, *Em Tempo*, entre tantos outros. Outros ainda surgiam em torno de lutas dos movimentos feminista (*Brasil Mulher*, *Nós Mulheres*), negro (*Tiçãõ*), homossexual (*Lampiãõ*) (HABERT, 1996:39).

É dentro da imprensa alternativa que nasce o *Projeto Lampião*. Segundo Edward Macrae (1990), após uma visita de Winston Leyland, editor do *Gay Sunshine*, revista homossexual americana, onze pessoas se reuniram na casa do pintor Darcy Penteado e criaram a idéia do veículo. Participaram da reunião o próprio Darcy Penteado, Adão Costa, Agnaldo Silva, Antonio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean Claude Bernardet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry, posteriormente esses constituíram o *Conselho Editorial* do jornal (MACRAE, 1990:39).

O Lampião da Esquina, em seu início, foi um jornal homossexual não pornô-erótico que circulou no Brasil no período de 1978 a 1981. A publicação representou uma classe que não possuía voz na sociedade, mostrando-se importante para a construção de uma identidade nacional pluralista.

O subsídio para a publicação veio através da criação de uma editora também chamada de *Lampiãõ* e de colaboradores que doaram algumas quantias em moeda. No total teve 38 edições, incluindo o número zero, inicialmente teve uma circulação aproximada de 10 a 15 mil exemplares em todo o país.

Em formato tablóide o jornal tinha editorias fixas como “*Cartas na Mesa*”, onde as cartas dos leitores eram publicadas e respondidas, “*Esquina*” onde eram reunidas notícias, “*Reportagem*”, onde sempre a matéria de capa estava localizada, e a partir do número cinco a coluna “*Bixórdia*”. Além das editorias fixas sempre havia espaço para informações culturais, como indicações de livros, exposições, shows e filmes; e também para entrevistas. A produção

do conteúdo era feita pelos conselheiros editoriais e também por convidados que variavam a cada edição.

Como veremos adiante, o *Lampião* inicialmente estava mais preocupado em retirar o gay da margem social, abrindo também o discurso às minorias. Já em sua fase final o jornal se adapta ao gueto e torna-se mais ousado, contendo até mesmo ensaios sensuais e abordando temas mais polêmicos do que fazia em sua fase inicial.

1.1 O número zero

Em seu número zero (Figura 1), edição experimental e de circulação restrita, o *Lampião* surge com o intuito de retirar o homossexual da clandestinidade e destruir uma imagem padrão que existia sobre o grupo. No primeiro editorial do jornal, “*Saindo do Gueto*”, é demonstrada a necessidade de alterar a maneira como sociedade enxergava a classe e, também é expressa a importância de se ter um veículo de comunicação para que o discurso gay passasse a integrar a realidade social:

O que nos interessa é destruir a imagem padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara sua preferência sexual como uma espécie de maldição, que é dada aos ademanes e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano, neste fator capital: seu sexo não é aquele que se desejaria ter. Para acabar com essa imagem-padrão, LAMPIÃO não pretende solucionar a opressão nossa de cada dia, nem pressionar válvulas de escape. Apenas lembrará que uma parte estatisticamente definível da população brasileira, por carregar nas costas o estigma da não-reprodutividade numa sociedade petrificada na mitologia hebraico-cristã, deve ser caracterizada como uma minoria oprimida. E uma minoria, é elementar nos dias de hoje, precisa de voz (LAMPIÃO, abril de 1978:2).

O gueto é a grande preocupação do *Lampião* em sua fase inicial. Em um período onde as violências morais e físicas contra os homossexuais eram grandes, o principal desafio além o de se assumir para ser aceito era lutar pelo fato dos homossexuais serem seres humanos e portanto terem direitos sociais, garantidos pela própria *Constituição Federal*, embora esses direitos tenham ficado mais assegurados a partir da chamada *Constituição Social* de 1988.

Figura 1
(Fonte: Lampião, 1978)



Ao contrário do que conta Marco Lima em *Breve história de imprensa homossexual*⁴, o jornal nasce apenas com o nome “*Lampião*”, e a partir da edição número um, para que não houvesse problemas de propriedade industrial a equipe resolveu adotar o complemento “da esquina” (*LAMPIÃO*, 25/ junho de 1978:15).

As pautas eram definidas em reuniões que aconteciam em São Paulo e Rio de Janeiro, cidades onde os produtores residiam. No início essas cidades mantinham a mesma importância, quer na mancha impressa ou na divisão de produção do conteúdo. Mas por conta de prazos de

⁴ Nota do autor. Neste artigo o autor Marco Lima afirma que o jornal era “inicialmente chamado *Lampião da Esquina*, tendo abreviado para *Lampião* já no segundo número”, o que na verdade não acontece. Apesar de ser conhecido entre seus leitores apenas como “*Lampião*” o jornal adota o sobrenome “da esquina” após a o número zero por questões comerciais.

fechamento o Rio se tornou a principal sede do jornal, como explica João Silvério Trevisan, um dos fundadores do *Lampião*:

No começo as reuniões eram alternadas, mas depois acabou ficando tudo no Rio mesmo porque a maioria da equipe era de lá, e o Aguinaldo (Silva) centralizava bastante o trabalho (MOTTA, maio de 2009: 41)

Através de suas pautas além de se preocupar com a situação do gay, *Lampião* colocava em questão assuntos relacionados diretamente às minoras, mostrava a realidade que as lésbicas, os índios e os negros brasileiros enfrentavam em um período de repressão. No editorial “*Nossas Gaiolas Comuns*”, notamos a forte relação com os esses pequenos grupos sociais e a vontade de dar-lhes voz:

As lutas das mulheres, dos negros, dos homossexuais, dos índios, dos prisioneiros – categorias historicamente silenciosas – têm nos ensinado que a História tem sujeitos e objetos, aqueles que falam e aqueles de quem se fala, mas que também os sujeitos variam durante o processo. Estas lutas têm nos ensinado que o conhecimento pode ser sinônimo de poder e que a fala torna visíveis questões concretas mas não conhecidas, não registradas, portanto sem existência histórica. Essa fala, no entanto, ao mesmo tempo que revolucionária é conservadora por ser parte de uma linguagem, desta mesma linguagem que por tanto tempo manteve invisíveis as categorias de pessoas que agora começam a tentar um autoconhecimento tentando afirma-se como sujeitos de sua própria história (LAMPPIÃO, 25/maio de 1978:2).

Também através de algumas capas como: “*Índios, eles eram puros, saudáveis e transavam numa boa, ai chegou o homem branco e então...*”, (Figura 2) “*Lesbianismo, machismo, aborto, discriminação. São as mulheres fazendo política*” (Figura 3) e “*Negros, qual o lugar deles?*” (Figura 4), podemos verificar a pluralidade dos assuntos tratados pelo jornal com relação às minorias.

Figura 2

(Fonte: Lampião, 1979)



Figura 3

(Fonte: Lampião, 1979)



Figura 4

(Fonte: Lampião, 1979)

Chegando aos leitores

A primeira edição do *Lampião da Esquina* chegou às bancas de todo o país no dia 25 de maio de 1978, custando 15 cruzeiros. Um jornal mensal, impresso em duas cores, que em suas primeiras chamadas de capas já fazia denúncias: uma grande foto de um homem com uma seta e

os dizeres “*Este é o ‘Gaúcho’, um rapaz de vida fácil. Ele matou um homem a socos e pontapés*”; e polêmicas: “*A Igreja e os homossexuais*” e “*A verdade sobre o carnaval baiano*” (Figura 5).

É bom destacarmos a distribuição do *Lampião*. A equipe do jornal não contava com grandes aparatos para o processo, apesar disso a primeira edição teve 10 mil exemplares entregues em todo o país e a segunda uma tiragem de 15 mil. Em São Paulo os próprios integrantes faziam uma parte da entrega:

Eu (Trevisan), Adão Costa e Fernando Bittencourt, com a colaboração de Antonio Carlos Moreira, fazíamos o jornal e o levávamos para rodar no Jornal do Comércio . Daí ele era enviado para o galpão dos distribuidores, e nós quatro íamos pra lá enfiar o jornal pela goela dos jornaleiros adentro (MOTTA, Maio de 2009: 41).

Figura 5

(Fonte: *Lampião*, 1978)



A forma com que os leitores conseguiam o jornal eram as mais diversas possíveis, por conta de sua grande abrangência os gays adquiriam a publicação nos guetos e pontos de encontro da época, Marcio Leopoldo retrata estas situações:

A abrangência de circulação do jornal (...) permitiu com que cartas de diferentes procedências –várias cidades brasileiras e até algumas cartas do exterior do país – fossem enviadas para publicação. Apesar das dificuldades nos métodos de distribuição, o jornal possuía estratégias de circulação – beneficiando-se muito do “boca-a-boca” – por espaços reconhecidos como guetos homossexuais: saunas e boates, por exemplo.(...) Os leitores também colaboravam com a distribuição do jornal por diversas cidades brasileiras, indicando possíveis locais de venda .(BANDEIRA, 2006:56).

A diversidade de culturas e as opiniões dos leitores eram percebidas na seção “*Cartas na Mesa*”, pessoas, identificadas ou não, emitiam suas opiniões através de cartas enviadas a redação, assim os produtores do jornal ficavam sabendo da realidade que cada leitor enfrentava em sua região, já que tinha equipes de redação apenas nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo.

Através desta seção podemos perceber a dimensão da circulação. As correspondências chegavam dos grandes centros urbanos como as cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Salvador, Campinas, Porto Alegre. E também de cidades onde as dificuldades de circulação eram maiores como em Manaus no Amazonas, Ceara Mirim no Rio Grande do Norte, Teresina no Piauí, Campina Grande na Paraíba, Coronel Fabriciano em Minas Gerais, dentre outras.

A crítica foi muito trabalhada em “*Cartas na Mesa*”. Nesse espaço o jornal respondia as cartas, trazendo suas tendências, justificativas e explicações. Montando assim uma imagem da própria publicação e de seu público. Mostrou-se um espaço importante onde os integrantes do *Conselho Editorial* faziam questão de publicar cartas favoráveis e contrárias as opiniões dos integrantes, criando assim um debate de idéias. A resposta a uma carta, publicada na primeira edição do *Lampião*, mostra a forma como o tablóide se posicionava perante os leitores:

Publicamos a carta de Anônimo porque ela contém observações muito pertinentes. 1 -- LAMPIÃO não vai se restringir a assuntos gueis, como se notará já nesse número. 2 -- As mulheres, também já nesse número, estão perfeitamente integradas ao nosso projeto. 3 -- Reconhecemos que nosso número zero ficou mais sério do que pretendíamos. Essa é uma coisa a ser corrigida. Quanto ao prazer, cada um que trate de inventar o seu. 4 -- A carta

de Anônimo termina com um comentário um tanto aleatório, no qual ele diz que a natureza o favoreceu bastante, quanto a um determinado detalhe anatômico. Ele não deve se impressionar com isso; fizemos uma rápida pesquisa no nosso conselho Editorial e descobrimos que vários dos seus membros mereceram o mesmo favorecimento... (LAMPPIÃO, 25/maio de 1978:15)

Ao mesmo tempo em que fala de assuntos importantes, como por exemplo, a inclusão de ativistas femininas no projeto, *Lampião* estabelece uma relação com a questão sexual, como podemos verificar no final da resposta dada ao leitor. Essas misturas de debates, esclarecimentos e questões do “mundo gay”, permeiam toda a história do jornal e do cotidiano de seus leitores.

O *Lampião da Esquina* circulou até junho de 1981. Em suas últimas edições o periódico se tornou mais ousado e explícito, contendo ensaios sensuais e cada vez tratando de assuntos mais polêmicos, dentre eles: masturbação, sadomasoquismo, transexualismo dentre outros. Adotou uma linguagem mais despojada, parecida com a utilizada no gueto, que até o fim de sua circulação era o lugar onde os gays se encontravam.

Considerações Finais

A partir das análises documentais e bibliográficas, podemos concluir que o *Lampião da Esquina* foi um jornal crítico, pluralista e partidário. Em seus primeiros números o tablóide com um tom muito ácido expunha uma ferida que havia na sociedade: o descaso e preconceito contra os homossexuais.

Já nestas primeiras edições é possível também perceber a preocupação com os demais grupos sociais que não possuíam um discurso explícito e conhecido de todo o meio social, o jornal “deu voz” as mulheres, negros e índios, que até então estavam no gueto juntamente com os gays.

A tarefa de retirar o homossexual da marginalidade não se mostrou amplamente eficaz por conta do momento político do país. O preconceito e o medo da repressão fez com que o gay se mantivesse no gueto e na escuridão, isto criou uma identidade própria para as galerias, boates, cinemas pornôis dentre outros pontos freqüentados por eles, locais onde até mesmo o *Lampião* se desenvolveu e aproveitou como canais de distribuição .

O jornal se preocupa em divulgar sua causa, assume a homossexualidade e reivindica o direito de seres humanos. Renegam uma imagem padrão que existia, onde o gay deveria ter traços afeminados; e a idéia de que o homossexual é um homem frustrado por não ser uma mulher.

A relação com os leitores era de forma aberta e clara, as cartas eram analisadas pelo *Conselho Editorial* e publicadas com um parecer. Colocavam na seção de cartas as principais críticas feitas ao jornal demonstrando assim a intenção da publicação de promover o debate de idéias.

O *Lampião da Esquina* foi um jornal muito importante não apenas para os gays e para as minorias. Foi importante também para a sociedade que a partir daquele momento começou a escutar e olhar de outra maneira os homossexuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Marcio Leopoldo Gomes. **Será que ele é?:** Sobre quando Lampião da Esquina colocou as Cartas na Mesa. Dissertação (Mestrado em História), São Paulo: PUC/SP, 2006.

GONZAGUINHA. **E vamos à luta.** (Em GONZAGUINHA. **Gonzaguinha – Perfil.** São Paulo: Som Livre, 2004. 1 compact disc (ca. 53 min).

HABERT, Nadine. **A década de 70:** apogeu e crise da ditadura militar brasileira. 3 ed. São Paulo: Ática, 2003.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem.** 4 ed. São Paulo: Ática, 2005.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionário:** nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Scritta, 1991.

LAMPIÃO. **“Saindo do gueto”.** Lampião da esquina, Rio de Janeiro, 25/Abril de 1978, pp.2.

_____. **“Nossas gaiolas comuns”.** Lampião da esquina, Rio de Janeiro, no 25/Maio de 1978, pp.2.

_____. Capas das edições 0,1, 8,11 e 15, disponibilizadas nas figuras do texto.

LIMA, Marcus Antônio Assis. **Breve Histórico da Imprensa Homossexual no Brasil,** Revista Cronos, Pedro Leopoldo, 2001, pp. 21-30.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade:** identidade sexual e política no Brasil da “abertura”. Campinas: UNICAMP, 1990.

MOTTA, Fábio. **“À luz do Lampião”.** Revista Júnior, São Paulo, no 30/Maio de 2009, pp. 40-43.

SIMÕES JÚNIOR, Almerindo Cardoso. **E havia um Lampião**. Dissertação (Mestrado em Lingüística), Rio de Janeiro: UNERIO. 2006.

ZANATTA, Elaine Marques . **Documento e Identidade**: o movimento homossexual na Brasil na década de 80, Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP), Campinas, 1997, pp. 193-220.